

A (não) lógica por trás dos ataques feitos contra Patrícia Campos Mello e contra outros jornalistas

Giulia Chiaradia Gramuglia Araujo | giulia.araujo@usp.br

Mestranda no Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Universidade de São Paulo (USP), membro do Grupo de Pesquisa Diálogo (USP/CNPq).

resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as motivações por trás dos recentes ataques cometidos contra jornalistas, sendo o nosso foco as agressões sofridas pela repórter Patrícia Campos Mello – tendo em vista a relevância da profissional e os desdobramentos do caso. Para tanto, recorreu-se às questões levantadas por Peirce em *A fixação da crença* e *Como tornar as nossas ideias claras* a fim de verificar como um dos efeitos colaterais da internet foi a amplificação de um movimento que deslegitima a fixação pelo método científico e que reverbera o método da tenacidade e os argumentos *ad personam*, consequentemente produzindo a atual onda de hostilidades – e, no caso das profissionais mulheres, de machismo – contra jornalistas.

Palavras-chave: Ataques a jornalistas. Patrícia Campos Mello. *Ad personam*.

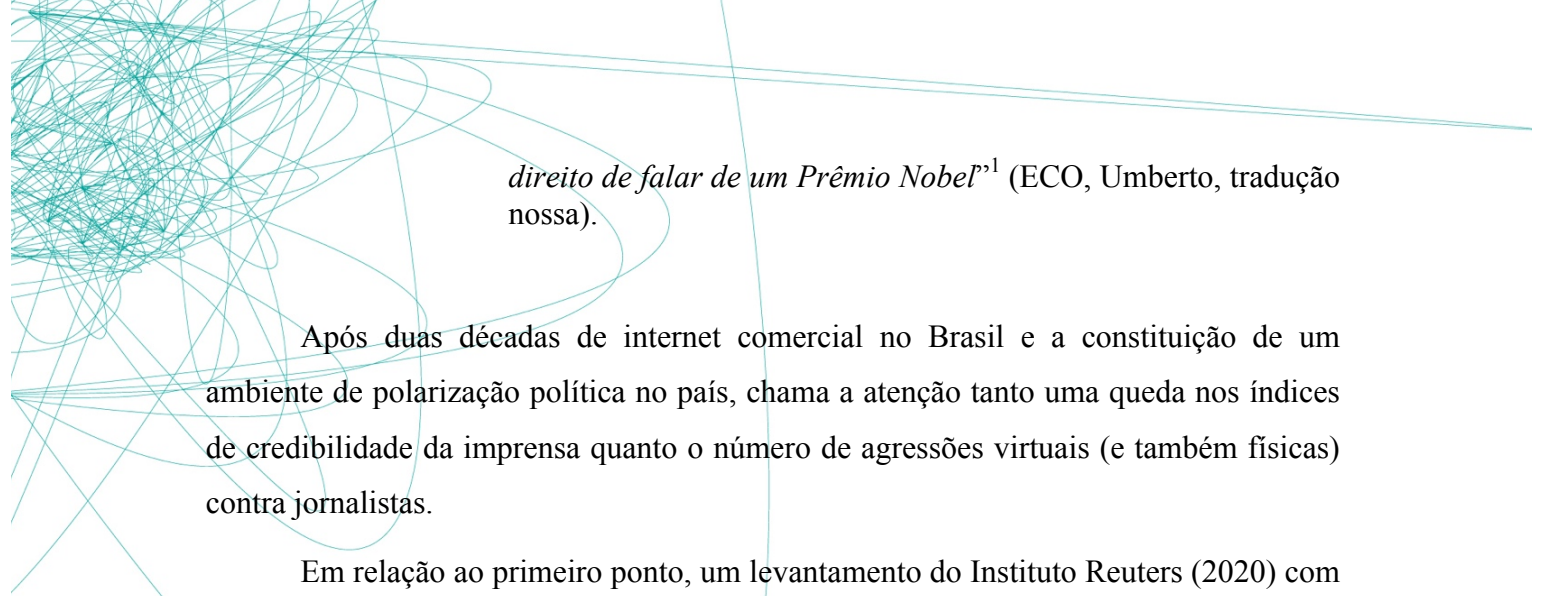
abstract

This paper aims to reflect on the motivations of the recent attacks towards journalists, focusing on the aggressions suffered by reporter Patricia Campos Mello. To this end, we used the questions raised by Peirce in The Fixation of Belief and How to Make Our Ideas Clear in order to see how one of the side effects of the Internet was the rising of a movement that both delegitimizes the fixation of the scientific method and that reverberates the method of tenacity and the arguments ad personam, thus producing the current wave of hostility against journalists.

Keywords: Attacks towards journalists. Patricia Campos Mello. *Ad personam*.

Introdução

“Internet? Ela deu o direito de voz aos imbecis, que antes falavam apenas no bar, após um copo de vinho, sem causar danos à coletividade. Estavam silenciados, mas agora têm o mesmo



*direito de falar de um Prêmio Nobel*¹ (ECO, Umberto, tradução nossa).

Após duas décadas de internet comercial no Brasil e a constituição de um ambiente de polarização política no país, chama a atenção tanto uma queda nos índices de credibilidade da imprensa quanto o número de agressões virtuais (e também físicas) contra jornalistas.

Em relação ao primeiro ponto, um levantamento do Instituto Reuters (2020) com a universidade de Oxford verificou que, em abril de 2020, como consequência da pandemia provocada pela Covid-19, houve um aumento mundial do índice de confiança em relação à prática jornalística. Posteriormente, no entanto, acompanhando uma tendência de alguns anos, esse índice ou voltou ao patamar de 2019 ou, no caso de 12 países, apresentou queda – com variações entre -3% e -16%. Em nenhum dos 40 países pesquisados houve um aumento dessa taxa, em comparação com 2019.

Especificamente no caso do Brasil, em 2015 – primeiro ano que houve a aferição de tal índice –, a porcentagem de credibilidade da imprensa nacional era de 62% (INSTITUTO REUTERS, 2015). Já em 2018, 58% dos entrevistados disseram confiar nas reportagens dos veículos que eles consumiam (Id., 2018); tanto em 2019 quanto em 2020, esse índice foi de 51% (Id., 2019; 2020).

No que concerne aos ataques virtuais, por sua vez, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) encomendou, em 2019, pela primeira vez, um levantamento sobre o assunto. Conforme os dados colhidos (ABERT, 2020: 36-37) naquele ano, houve uma média de sete ataques virtuais por minuto contra a imprensa – sendo que 82% dessas agressões foram promovidas por robôs e apoiadores governistas, e 18% delas foram produzidas por pessoas de esquerda.

Um levantamento de caráter semelhante, feito ao longo de 2020 pela Federação Nacional do Jornalista (FENAJ, 2021), detectou que – em comparação com 2019 – houve um aumento de 106% nos ataques feitos a veículos de comunicação e a jornalistas. Do total de 428 episódio registrados, o principal tipo de agressão foi o da descredibilização

1 “Internet? Ha dato diritto di parola agli imbecilli: prima parlavano solo al bar dopo un bicchiere di vino, senza danneggiare la collettività. Venivano subito messi a tacere, mentre ora hanno lo stesso diritto di parola di un Premio Nobel.”

da imprensa (35,5%) e o principal agressor foi o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) – respondendo por 41% dos ataques.

Um dos exemplos desse contexto de descrédito e de hostilidade ocorreu com a repórter especial Patrícia Campos Mello, do jornal a Folha de S. Paulo. Em 2018, logo que começou a publicar uma série de reportagens sobre um esquema de impulsionamento de mensagens no aplicativo WhatsApp em prol de determinados grupos políticos, Campos Mello passou a ser atacada e ameaçada nas redes sociais.

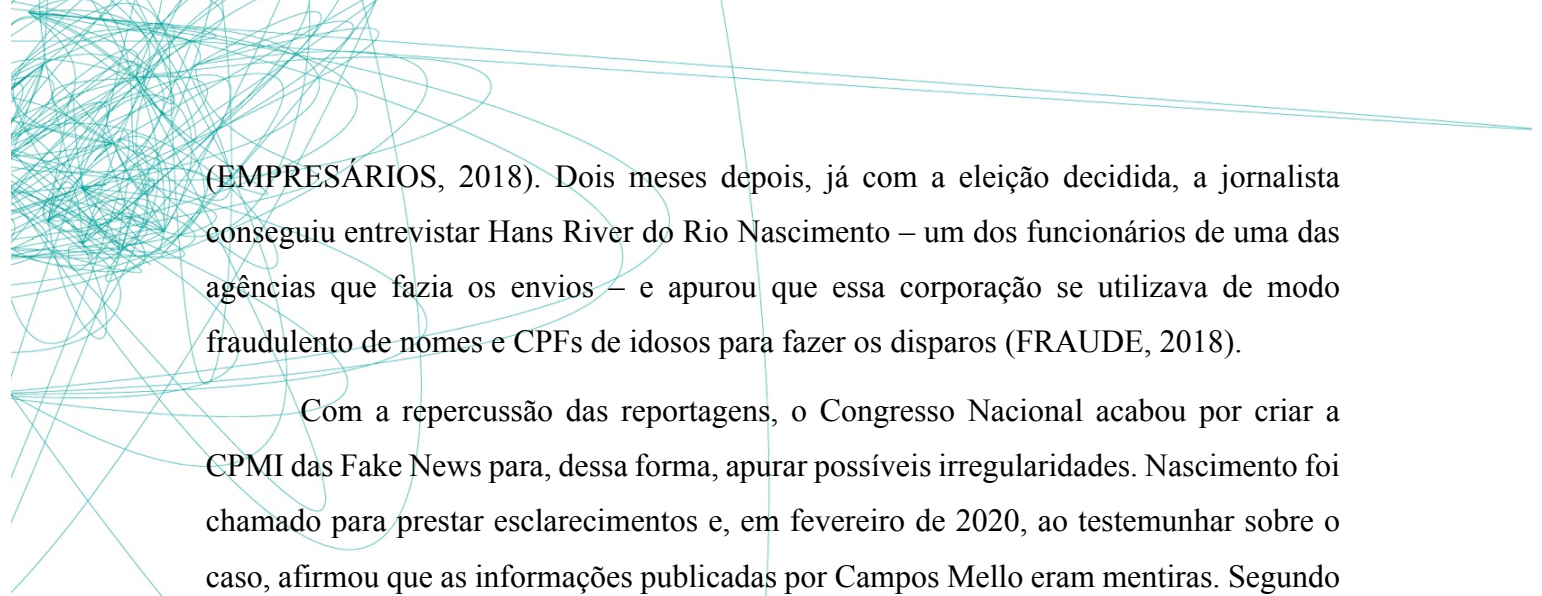
No começo de 2020, a hostilidade foi retomada após Hans River do Rio Nascimento, um dos funcionários que operavam esse esquema, desdizer informações divulgadas pela jornalista. Por meio de argumentos *ad personam*, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) e o presidente Jair Bolsonaro se posicionaram desacreditando a repórter. O caso se mostra relevante não só pela relevância de Campos Mello no meio jornalístico, como pelos desdobramentos do episódio.

Nesse sentido, conforme Peirce (1877) enumera, ao descrever os princípios condutores do raciocínio, há quatro mecanismos que levam alguém a acreditar em determinadas proposições: o método da tenacidade, o de autoridade, o a priori e o científico. Para o semiótico, a crença pela tenacidade é o método mentalmente e moralmente mais inferior, já o científico é o melhor dos quatro. Em um texto publicado posteriormente, Peirce ainda esclareceu que “naturalmente, o método da tenacidade nunca teve o domínio exclusivo; a razão é demasiado natural aos homens para que isso acontecesse” (Id., 1878: 21).

O modo como a internet é utilizada e administrada, no entanto, modificou essa lógica. Atualmente, com a capitalização dos dados de navegação, existe a compreensão de que a forma com que os algoritmos distribuem informações amplifica ideias baseadas na tenacidade, dando vazão a discursos de ódio racistas, machistas e xenofóbicos, por exemplo. Dentre as esferas baseadas no método científico e que foram afetadas por essa nova realidade, está o jornalismo junto com os seus profissionais.

Caso Patrícia Campos Mello e outros ataques

Em outubro de 2018, entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais daquele ano, a repórter Patrícia Campos Mello publicou uma matéria sobre como algumas empresas estavam comprando pacotes de disparos em massa de mensagens contra o PT



(EMPRESÁRIOS, 2018). Dois meses depois, já com a eleição decidida, a jornalista conseguiu entrevistar Hans River do Rio Nascimento – um dos funcionários de uma das agências que fazia os envios – e apurou que essa corporação se utilizava de modo fraudulento de nomes e CPFs de idosos para fazer os disparos (FRAUDE, 2018).

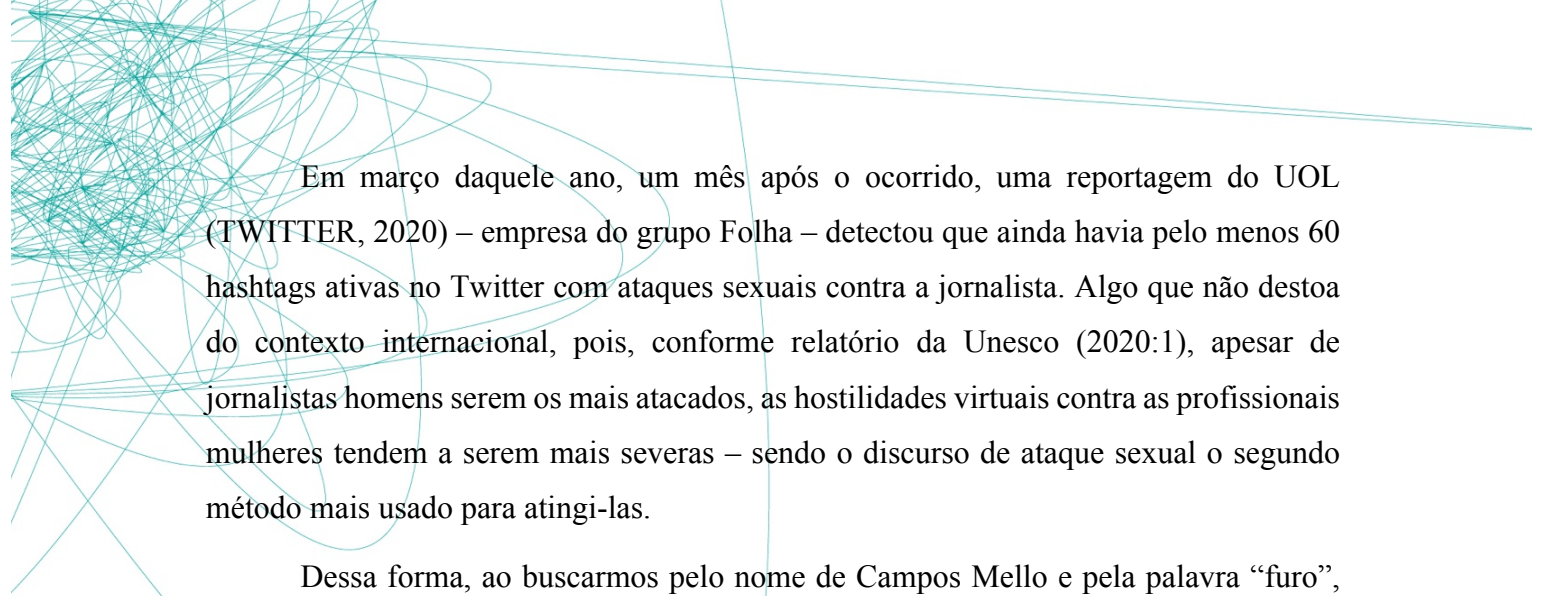
Com a repercussão das reportagens, o Congresso Nacional acabou por criar a CPMI das Fake News para, dessa forma, apurar possíveis irregularidades. Nascimento foi chamado para prestar esclarecimentos e, em fevereiro de 2020, ao testemunhar sobre o caso, afirmou que as informações publicadas por Campos Mello eram mentiras. Segundo o depoente, a jornalista teria, inclusive, se insinuado sexualmente para conseguir a matéria.

Os ataques verbais contra a jornalista se iniciaram já em outubro de 2018 – data de publicação da primeira de uma série de reportagens sobre os disparos de mensagens em massa. Conforme entrevista concedida (BARBOSA, 2019), Campos Mello começou recebendo ameaças e xingamentos nas redes sociais; no dia seguinte, hackearam seu WhatsApp; concomitantemente, fotos suas começaram a ser compartilhadas. Conforme conta a jornalista:

Eu de repente virei uma pessoa conhecida. Quando aparecia na portaria do meu prédio, uma moradora aparecia na janela e berrava: “Chupa, PT, comunistinha”. Outro dia fui ao clube com a minha mãe e foi a mesma coisa. Quem trabalha em jornal impresso não tem a imagem tão exposta. Mas os memes se encarregaram de tornar a minha cara pública. (BARBOSA, 2019: 112).

Essa história ganhou mais um capítulo após o depoimento, colhido em 2020, de Nascimento. No mesmo dia, houve uma nova rodada de ataques que foram impulsionados pela fala do deputado Eduardo Bolsonaro de que esse não duvidava que Campos Mello tivesse se insinuado em troca de informações para prejudicar a campanha de seu pai – nas palavras do deputado “Ou seja, é o que a Dilma Rousseff falava: fazer o diabo pelo poder”.

Uma semana depois, o presidente Jair Bolsonaro também acabou por atacar a jornalista ao reforçar para seus seguidores e outros repórteres que Campos Mello teria, de fato, se insinuando. Conforme falou o presidente à época, “ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim [risos dele e dos demais]” (BOLSONARO INSULTA, 2020).



Em março daquele ano, um mês após o ocorrido, uma reportagem do UOL (TWITTER, 2020) – empresa do grupo Folha – detectou que ainda havia pelo menos 60 hashtags ativas no Twitter com ataques sexuais contra a jornalista. Algo que não destoa do contexto internacional, pois, conforme relatório da Unesco (2020:1), apesar de jornalistas homens serem os mais atacados, as hostilidades virtuais contra as profissionais mulheres tendem a serem mais severas – sendo o discurso de ataque sexual o segundo método mais usado para atingi-las.

Dessa forma, ao buscarmos pelo nome de Campos Mello e pela palavra “furo”, por exemplo, no Twitter, encontramos tuitos com tons de hostilidade como: “Vai ser informar sem tentar dar o furo.”², “Intitulada como puta do PT, @camposmello tem filme pornô c/ Hans Bengala de nome SEX CITY: O Furo.”³, “@camposmello queria fazer sexo com ele pra conseguir o furo da matéria. Ate as putas são mais dignas do que a @camposmello, Que vergonha folha de SP é um puteiro.”⁴ etc.

Fora os xingamentos de cunho sexual, no que tange à descredibilização, apesar de Campos Mello ter sido a jornalista mais premiada do Brasil tanto em 2019 quanto em 2020 (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2020; Id., 2021), pessoas questionaram se a repórter não teria, de fato, se insinuado. Na verdade, mesmo após publicar *prints* das conversas que ela havia tido com Nascimento, alguns dos assinantes da Folha e do UOL⁵ a acusaram de ter editado as imagens do chat antes de publicá-las – como pode ser verificado, por exemplo, nos comentários da própria matéria da Folha (EX-FUNCIONÁRIO, 2020). Posteriormente, foram feitas, inclusive, matérias de checagem para atestar que as imagens exibidas pela jornalista não haviam sido alteradas (#VERIFICAMOS, 2020).

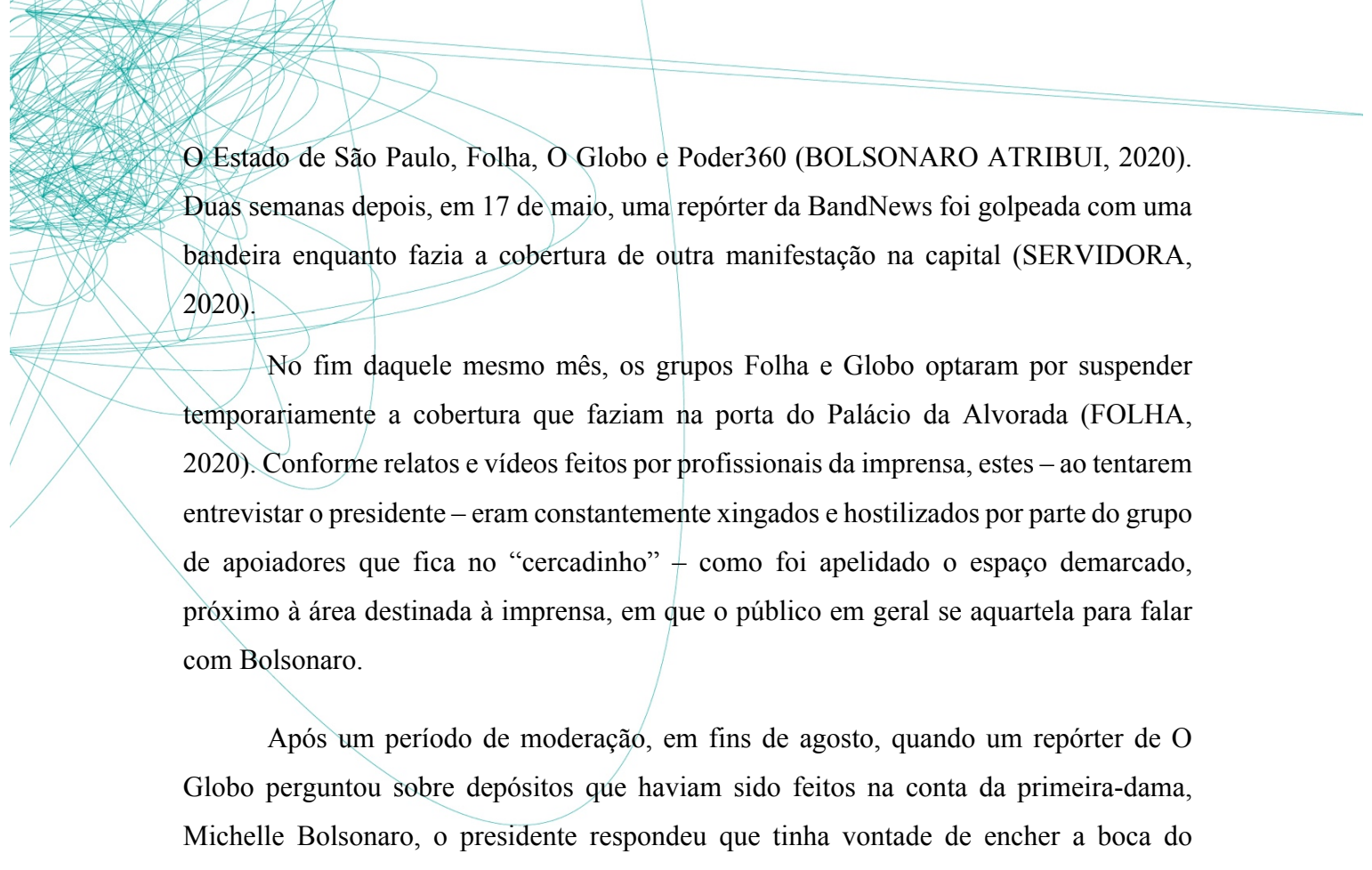
A descredibilização e os ataques contra a jornalista Campos Mello, no entanto, são apenas um exemplo entre vários. Na verdade, tais hostilidades por parte de apoiadores e do próprio governo não se restringem ao virtual, nem mesmo apenas ao verbal. Pouco depois da segunda onda de ataques a Campos Mello, em 3 de maio de 2020, em uma manifestação, em Brasília, contra o Supremo Tribunal Federal (STF) e com a participação do presidente da República, houve agressões e ofensas contra as equipes jornalísticas de

²Disponível em <https://twitter.com/wendell_ro/status/1328878877318524930>. Acesso em 17 fev. de 2021.

³ Disponível em <<https://twitter.com/MarcusLeandro78/status/>>. Acesso em 17 fev. de 2021.

⁴ Disponível em <<https://twitter.com/leorodr10108615/status/1227352707289305092>>. Acesso em 17 fev. de 2021.

⁵ Apenas assinantes da Folha e do UOL podem fazer comentários nas páginas da Folha.



O Estado de São Paulo, Folha, O Globo e Poder360 (BOLSONARO ATRIBUI, 2020). Duas semanas depois, em 17 de maio, uma repórter da BandNews foi golpeada com uma bandeira enquanto fazia a cobertura de outra manifestação na capital (SERVIDORA, 2020).

No fim daquele mesmo mês, os grupos Folha e Globo optaram por suspender temporariamente a cobertura que faziam na porta do Palácio da Alvorada (FOLHA, 2020). Conforme relatos e vídeos feitos por profissionais da imprensa, estes – ao tentarem entrevistar o presidente – eram constantemente xingados e hostilizados por parte do grupo de apoiadores que fica no “cercadinho” – como foi apelidado o espaço demarcado, próximo à área destinada à imprensa, em que o público em geral se aquartela para falar com Bolsonaro.

Após um período de moderação, em fins de agosto, quando um repórter de O Globo perguntou sobre depósitos que haviam sido feitos na conta da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, o presidente respondeu que tinha vontade de encher a boca do jornalista com porrada. No dia seguinte já circulava na internet um vídeo, que acabou sendo verificado como adulterado, em que o jornalista teria dito “vamos visitar sua filha na cadeia”, e não perguntado sobre os repasses que foram feitos à primeira-dama (É FALSO, 2020).

Ao longo de 2020, no entanto, a repórter Campos Mello abriu processos contra aqueles que a haviam atacado e, em janeiro de 2021, o deputado Eduardo Bolsonaro acabou sendo condenado, em primeira instância, a indenizar a jornalista por danos morais em decorrência das ofensas de cunho sexual proferidas contra a profissional (JUSTIÇA, 2021).

Apesar de ambientado no contexto italiano do começo da década de 1990, faz-se atual o comentário de um dos personagens do romance *O Número Zero*, de Umberto Eco (2015: 123-124):

Percebam que hoje, para contra-atacar uma acusação não é necessário provar o contrário, basta deslegitimar o acusador. [...] mesmo que não seja pedófilo, não tenha matado a avó, nem embolsado propinas, terá feito alguma coisa estranha. Ou, então, se me permitem a expressão, estranhifica-se aquilo que ele faz todos os dias.

Crenças e seus métodos de fixação

Segundo Peirce (1877), a crença é um estado de espírito que guia os nossos desejos e molda as nossas ações; é um estado calmo e satisfatório. A dúvida, por outro lado, é um estado de desconforto e insatisfação que nos estimula a agir para dissipá-la. Peirce também explica que há quatro métodos para se alcançar o estágio da crença. Também vale notar que esta, por sua vez, pode ser uma crença verdadeira (no real) ou uma crença falsa (na ficção).

O primeiro dos métodos para alcançar a crença, o método da tenacidade, não faz o uso da lógica. Nele, qualquer resposta que vá ao encontro de uma questão a nós simpática é acatada. Nesse sentido, “uma pessoa que arbitrariamente escolhe as proposições que quer adoptar pode usar a palavra verdade unicamente para realçar a expressão da sua determinação em se manter fiel à sua escolha.” (Id., 1878: 21). O tipo de pessoa que leva a cabo esse método costuma reagir com desprezo e ódio a tudo que possa perturbar suas crenças (Id., 1877: 6).

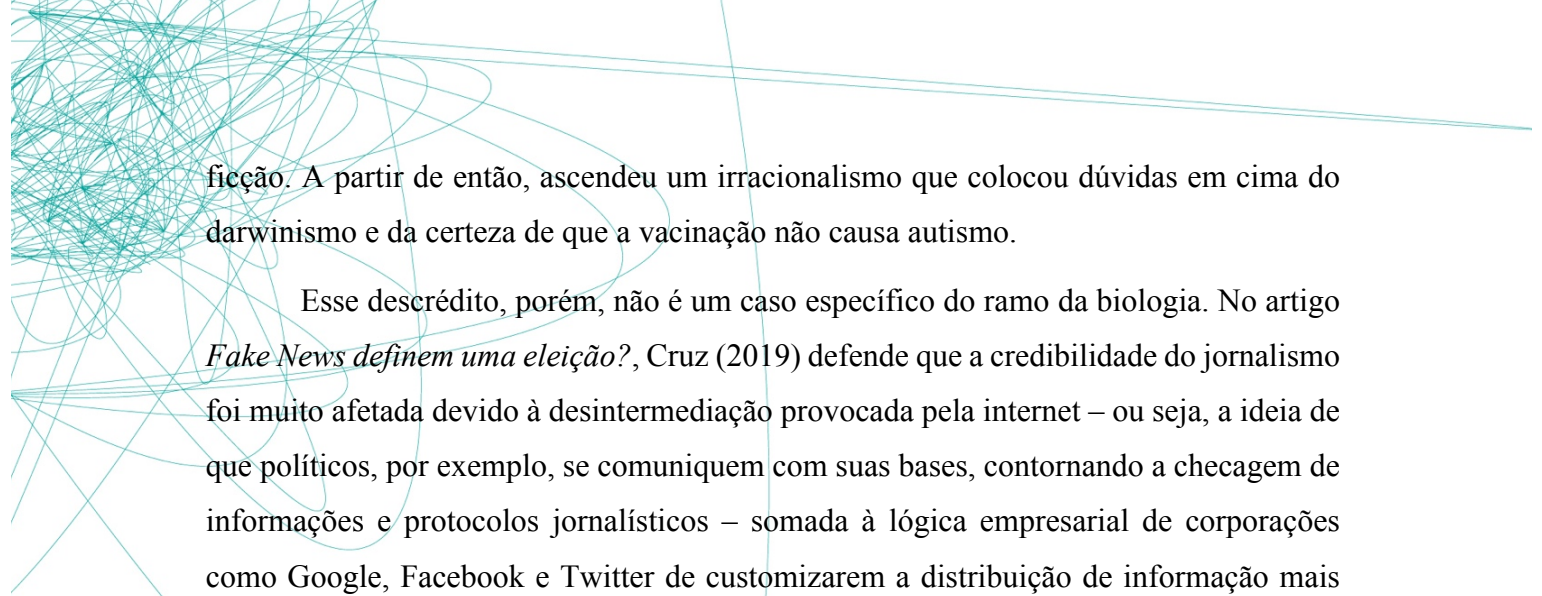
Já o segundo método é o da autoridade, em que uma outra pessoa, que é dotada de algum poder, dita o que deve ser acreditado. Peirce explica que desde tempos remotos, tal fórmula é usada para sustentar doutrinas ideológicas e políticas. Também há o método *a priori*, em que se formula proposições a partir de teorizações não baseadas em fatos observados, em suma, a essência desse método é pensar tal como se está inclinado a pensar.

Por fim, há o método científico, em que dúvidas são sanadas a partir do raciocínio lógico, e não de gostos pessoais – para o autor, esse método “tem tido os mais maravilhosos triunfos na forma de estabelecer opinião” (Ibid.: 11). Contudo, conforme defende o psicanalista Christian Dunker, com o fenômeno da pós-verdade, tal método passou a ser atacado.

A tenacidade e o argumento *ad personam* na internet

O termo “pós-verdade”⁶ entrou para os dicionários em 2016. No entanto, conforme Dunker (2017:17-18) argumenta, ela remonta, pelo menos, a 2011 – quando a justificativa da invasão do Iraque pela presença de armas químicas mostrou-se ser uma

⁶ A pós-verdade é entendida pelo autor como um fio de ficção alimentada pelo sonho e pela loucura (DUNKER, 2017: 19).



ficção. A partir de então, ascendeu um irracionalismo que colocou dúvidas em cima do darwinismo e da certeza de que a vacinação não causa autismo.

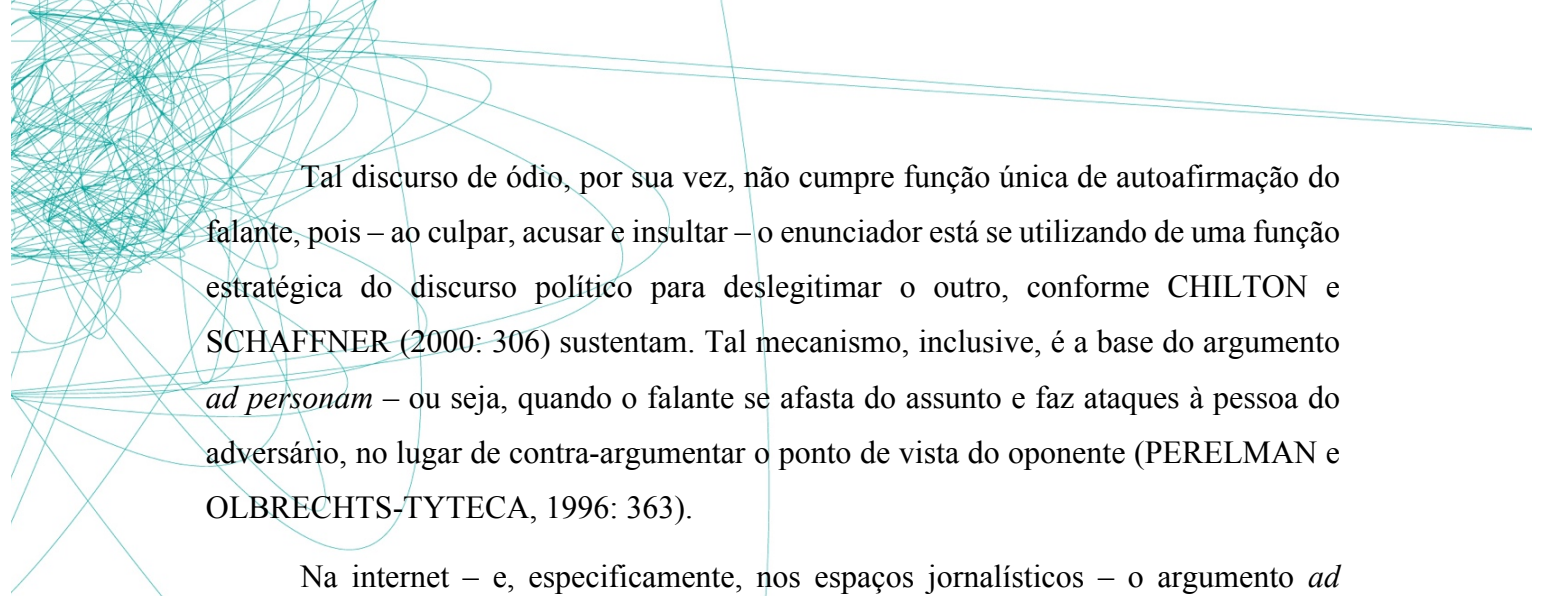
Esse descrédito, porém, não é um caso específico do ramo da biologia. No artigo *Fake News definem uma eleição?*, Cruz (2019) defende que a credibilidade do jornalismo foi muito afetada devido à desintermediação provocada pela internet – ou seja, a ideia de que políticos, por exemplo, se comuniquem com suas bases, contornando a checagem de informações e protocolos jornalísticos – somada à lógica empresarial de corporações como Google, Facebook e Twitter de customizarem a distribuição de informação mais levando em conta os interesses pessoais de cada usuário e menos a credibilidade da fonte daquela mensagem.

Romanini e Guarda (2019: 100), inclusive, ao analisarem as *fake news* criadas contra a vereadora Marielle Franco após o seu assassinato, detectaram que por mais que a disseminação de crenças pelos métodos da tenacidade e de autoridade não sejam um fenômeno recente, “a fixação de crenças por meio desses métodos ganha proporções maiores com a facilidade de disseminação de boatos trazida pelas tecnologias da informação e comunicação”.

É justamente essa lógica de distribuição de informação que dá vazão ao discurso de ódio. Conforme Dunker (2017: 35) explica, antes, quando alguém tinha uma crença bizarra ou fora de esquadro, essa pessoa se sentia acuada e se continha; agora, no entanto, ela encontra parceiros na internet que ratificam seu discurso. Encontrando essa plateia, o indivíduo suspende essa censura e faz piadas ofensivas contra um gênero ou contra uma etnia, por exemplo.

Nesse sentido, Tiburi (2017) complementa que, antigamente, cidadãos comuns se resignavam com a invisibilidade – em oposição aos astros de cinema e televisão. Com a internet e as redes sociais, ter visibilidade se tornou uma forma de capital. Calcado nessa lógica, o sujeito fascista performa discursos de ódio:

O esvaziamento da subjetividade dá ao sujeito fascista uma profunda sensação de inexistência, o que o obriga a precisar aparecer para apresentar a prova de seu existir, algo que ele consegue por meio da penalização do outro ou por meio de se reconhecimento deturpado, aquele que se conquista com a fama, mesmo que ela não passe de alguns likes no Facebook, o que corresponde aos quinze minutos de fama de Andy Warhol. Seu ato de fala é, ao mesmo tempo, uma performance com fins interiores e exteriores, por meio da qual ele se capitaliza diante dos outros enquanto tenta provar para si mesmo que existe. (Ibid.: 117)



Tal discurso de ódio, por sua vez, não cumpre função única de autoafirmação do falante, pois – ao culpar, acusar e insultar – o enunciador está se utilizando de uma função estratégica do discurso político para deslegitimar o outro, conforme CHILTON e SCHAFFNER (2000: 306) sustentam. Tal mecanismo, inclusive, é a base do argumento *ad personam* – ou seja, quando o falante se afasta do assunto e faz ataques à pessoa do adversário, no lugar de contra-argumentar o ponto de vista do oponente (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996: 363).

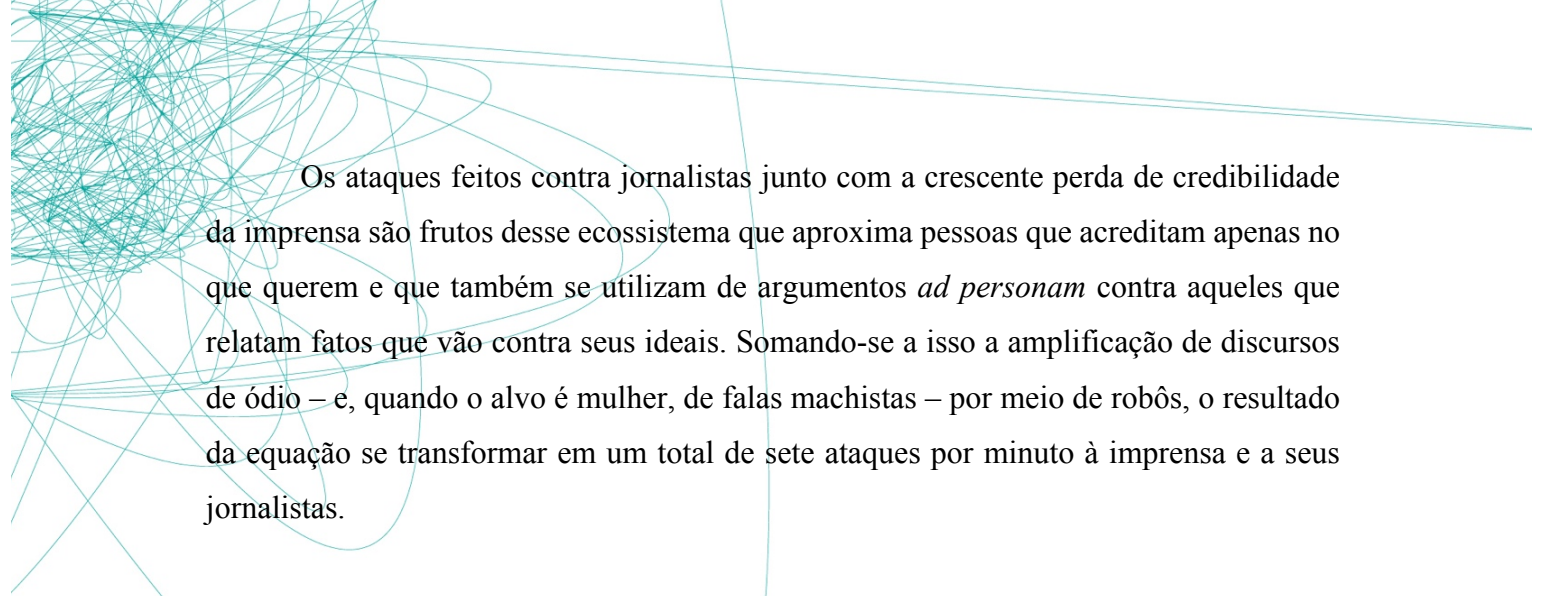
Na internet – e, especificamente, nos espaços jornalísticos – o argumento *ad personam* é comum. Rueda (2009) verificou tal fenômeno na Espanha, e RESTREPO (2014: 113) constatou esse contexto na Colômbia, ressaltando que, em cenários de polarização política, aumentam de forma significativa o uso de insultos e de ataques pessoais, como expressão da luta por influência social e política na esfera pública. Cá no Brasil, tanto na internet como no ao vivo, o uso de argumentos *ad personam* também se mostrou presente como forma de deslegitimar a imprensa.

Considerações finais

Ao abordar a fixação de crenças, Peirce alerta que quando premissas são aceites pela mente, temos um impulso de aceitar também a conclusão; por outro lado, quando certas premissas vão contra crenças que foram fixadas pela tenacidade, a conclusão é olhada com desprezo e ódio.

Para o autor, no entanto, essas pessoas que conseguem se despir da razão e ter atitudes e julgamentos apenas baseados em seus gostos pessoais, com o convívio social, devem mudar. Na verdade, aquele indivíduo que acabar por adotar o método da tenacidade “descobrirá que os outros homens pensam de forma diferente dele, e estará apto a que lhe ocorra, num momento de maior lucidez, que as opiniões desses outros homens são tão boas como as suas, e isto abalará a sua confiança na sua crença.” (PEIRCE, 1987: 7).

Contudo, a atual forma como a distribuição de informações é gestada na internet diminuiu as possibilidades de convívio com crenças diversas e aumentou o contato com aqueles que pensam igual. Uma das consequências dessa lógica é performance de discursos de ódio para se autoafirmar e, a partir de argumentos *ad personam*, deslegitimar aqueles com perspectivas diferentes.



Os ataques feitos contra jornalistas junto com a crescente perda de credibilidade da imprensa são frutos desse ecossistema que aproxima pessoas que acreditam apenas no que querem e que também se utilizam de argumentos *ad personam* contra aqueles que relatam fatos que vão contra seus ideais. Somando-se a isso a amplificação de discursos de ódio – e, quando o alvo é mulher, de falas machistas – por meio de robôs, o resultado da equação se transforma em um total de sete ataques por minuto à imprensa e a seus jornalistas.

Referências

#Verificamos: É falso que presença de palavra hifenizada em mensagem comprova falsificação da Folha. **Piauí**, 12 fev. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/02/12/verificamos-hifenizada-folha>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

A VONTADE é encher tua boca com porrada', diz Bolsonaro após repórter perguntar sobre Queiroz. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 ago. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/a-vontade-e-encher-tua-boca-com-porrada-diz-bolsonaro-apos-reporter-perguntar-sobre-queiroz.shtml>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ABERT. **Violações à Liberdade de expressão**: Relatório anual 2019. Disponível em: <<https://www.abert.org.br/web/images/Biblioteca/Liberdade/liberdadeexpressao2019.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

BARBOSA, M. et al. (Org.). **Pós-verdade e fake News**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BOLSONARO ATRIBUI agressão a jornalistas a 'algum maluco' infiltrado em frente ao Palácio do Planalto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 mai. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-atribui-agressao-a-jornalistas-a-algum-maluco-infiltrado-em-frente-ao-palacio-do-planalto.shtml>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

BOLSONARO INSULTA repórter da Folha com insinuação sexual. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 fev. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

CHILTON; SCHAFFNER, C. Discurso y política. In: DIJK, T. V. (Com.). **Estudios del discurso**: introducción multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 2000.

Cruz, F. B. Fake News definem uma eleição?. In: BARBOSA, M. et al. (Org.). **Pós-verdade e fake News**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

DUNKER, C. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

É FALSO que repórter tenha falado em visitar filha de Bolsonaro na cadeia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2020. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/e-falso-que-reporter-tenha-falado-em-visitar-filha-de-bolsonaro-na-cadeia.shtml>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ECO, Umberto. **O número zero**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

EMPRESÁRIOS bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2018. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

EX-FUNCIONÁRIO de empresa de disparo em massa mente a CPI e insulta repórter da Folha. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 fev. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/ex-funcionario-de-empresa-de-disparo-em-massa-mente-a-cpi-e-insulta-reporter-da-folha.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: Relatório 2020**. Brasília: Fenaj, 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FOLHA suspende temporariamente cobertura no Alvorada por falta de segurança. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 mai. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/folha-suspende-temporariamente-cobertura-no-alvorada-por-falta-de-seguranca.shtml>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

FRAUDE com CPF viabilizou disparo de mensagens de WhatsApp na eleição. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 dez. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/fraude-com-cpf-viabilizou-disparo-de-mensagens-de-whatsapp-na-eleicao.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

Instituto Reuters. **Digital News Report 2015**. 2015. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/research/files/Reuters%2520Institute%2520Digital%2520News%2520Report%25202015_Full%2520Report.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

Instituto Reuters. **Digital News Report 2018**. 2018. Disponível em: <<http://media.digitalnewsreport.org/wp-content/uploads/2018/06/digital-news-report-2018.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

Instituto Reuters. **Digital News Report 2019**. 2019. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2019-06/DNR_2019_FINAL_0.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

Instituto Reuters. **Digital News Report 2020**. 2020. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

JUSTIÇA condena Eduardo Bolsonaro a indenizar repórter da Folha por danos morais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 jan. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/justica-condena-eduardo-bolsonaro-a-indenizar-reporter-da-folha-por-danos-morais.shtml>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

PEIRCE, C. **A fixação da crença**. Tradução de A. Gradim. Lusofia Press. 1877. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/peirce_como_tornar_as_nossas_ideias_claras.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

PEIRCE, C. **Como tornar as nossas ideias claras**. Tradução de A. Fidalgo. Lusofia Press. 1878. Disponível em:

<http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PERELMAN, C., OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação: A nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PORTAL DOS JORNALISTAS. Ranking aponta os +Premiados Jornalistas do Ano por Região. Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/ranking-aponta-os-premiados-jornalistas-do-ano-por-regiao>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

PORTAL DOS JORNALISTAS. Patrícia Campos Mello repete 2019 e é a +Premiada Jornalista do Ano. Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/patricia-campos-mello-repete-2019-e-e-a-premiada-jornalista-do-ano/>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

RESTREPO, J. C. A. **Nuevas Funciones Del Lector/Usuario E Interactividad En La Prensa Digital Colombiana: Los Casos De El Tiempo.com, El Espectador.com, Semana.Com Y La Silla Vacía.Com, Durante La Coyuntura Electoral De 2011**. 2014. 206 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Facultad de Periodismo y Comunicación, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2014.

ROMANINI, A. V.; GUARDA, R. F. Fixação de crenças, big data e fake news: a campanha de difamação contra Marielle Franco. **COGNITIO-ESTUDOS**, São Paulo, v. 16, n.º. 1:88-101, jan.-jun. 2019.

SERVIDORA do governo, apoiadora de Bolsonaro diz que bandeirada em jornalista foi acidente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 mai. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/servidora-do-governo-apoiadora-de-bolsonaro-diz-que-bandeirada-em-jornalista-foi-acidente.shtml>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

TWITTER mantém ofensas sexuais na rede social no caso Patrícia Campos Mello. **UOL**, São Paulo, 12 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/12/patricia-campos-mello-ataques-twitter.htm>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

UNESCO. **Online violence against women journalists: A global snapshot of incidence and impacts**. Paris: Unesco, 2020.



semeiosis